

Edes Barbosa

# Enquanto a imagem não sai do ar



Unimontes  
Montes Claros  
2018

© - EDITORA UNIMONTES - 2018  
Universidade Estadual de Montes Claros

**REITOR**

Prof. João dos Reis Canela

**VICE-REITOR**

Prof. Antonio Alvimar Souza

**DIRETOR DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES**

Prof. Jânio Marques Dias

**EDITORA UNIMONTES**

**EDITOR GERAL**

Prof. Antônio Dimas Cardoso

**CONSELHO EDITORIAL**

Profª. Adelcia Aparecida Xavier;  
Prof. Alfredo Maurício Batista de Paula;  
Prof. Antônio Dimas Cardoso;  
Prof. Carlos Renato Theóphilo;  
Prof. Casimiro Marques Balsa;  
Prof. Elton Dias Xavier;  
Prof. Laurindo Mékie Pereira;  
Prof. Otávio Soares Dulci;  
Prof. Marcos Esdras Leite;  
Prof. Marcos Flávio Silva Vasconcelos Dângelo;  
Profª. Regina de Cássia Ferreira Ribeiro.

**REVISÃO LINGÜÍSTICA**

Profª. Maria Alice Mota  
Profª. Vilma Luiza Ruas Fernandes

**REVISÃO TÉCNICA**

Wanderlino Arruda

**DIAGRAMAÇÃO**

Bernardino Mota

Catálogo na publicação elaborada pela Bibliotecária

Neide Maria J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B238e Barbosa, Edes

Enquanto a imagem não sai do ar. / Edes Barbosa. –  
Montes Claros : Editora Unimontes, 2018.  
130 p.:il.; 21 cm.

ISBN 978-85-94368-03-4

1. Telecomunicação. 2. Televisão. 3. Transmissores e  
transmissão. 4. Receptores e recepção. I. Título.

CDD 384

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

EDITORA UNIMONTES

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro  
Montes Claros - Minas Gerais - Brasil  
CEP: 39.401-089 - CAIXA POSTAL: 126  
www.unimontes.br  
editora@unimontes.br

Filiada à



**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS**

## COLEÇÃO MEMÓRIAS

A Coleção Memórias tem como proposta editorial divulgar narrativas de memorialistas e autores do Norte de Minas que registram em livro sua trajetória de vida, convivências, circunstâncias, acontecimentos e percepções da cidade e região. Esta Coleção propõe-se servir de elo entre o segmento científico de pesquisa universitária e a comunidade do jornalismo e da escrita informal e literária, em conexão com a produção editorial do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros e da Academia Montesclareense de Letras, tendo como seu curador o escritor Wanderlino Arruda.

O Editor



## APRESENTAÇÃO

A história da captação das primeiras imagens de TV em nossa cidade foi repleta de fatos inusitados que culminaram numa epopeia desconhecida pelos montes-clarenses. Como um dos últimos sobreviventes, protagonista e testemunha ocular de todos os eventos, decidi escrever este livro acreditando resgatar um importante episódio quase esquecido pela nossa sociedade.

Procurei relatar todos os acontecimentos utilizando uma linguagem próxima da poética e com um discreto tom lírico, a fim de tornar a leitura agradável a todos. Fui bem fiel aos acontecimentos, descrevendo até mesmo pequenos detalhes, quase imperceptíveis aos meus companheiros nessa aventura.

Minha narrativa começa sob um clima provinciano, nos inocentes anos sessenta, prossegue pelas cercanias do planalto Pentáurea sob a euforia da descoberta de sinais de televisão, estende-se pela majestosa Serra do Espinhaço, transformando-se numa obstinada perseguição às imagens televisivas e completa-se com a chegada definitiva dos primeiros canais de TV ao Norte de Minas.



## PREFÁCIO

“Enquanto a imagem não sai do ar” é um convite ao leitor para uma viagem no tempo, rumo a uma história adormecida desde a década de 1960, mas ainda latente na memória do seu autor. A narrativa, emoldurada ora por uma nuance de poesia e romantismo, ora por uma boa dose de humor, conta a história da captação das primeiras imagens de TV na então pequena cidade de Montes Claros, no interior do Norte de Minas Gerais, isolada dos grandes centros.

A “provinciana” cidade, como assim a descreve o autor, parecia ditar o seu próprio tempo e suas próprias regras, alheia aos principais acontecimentos históricos que ocorriam no país e no mundo e que ali chegavam pelas “misteriosas” ondas de rádio, que tanto intrigavam o personagem central e narrador dessa trama real. As notícias de fora também chegavam, certamente com alguma defasagem de tempo, estampadas nos jornais trazidos da capital pelos vagões de trem da Estrada de Ferro Central do Brasil, que ligava a cidade a Belo Horizonte.

Paralelamente à aventura dos “caçadores de imagem” num canto esquecido do sertão “de Rosa”, o autor contextualiza a sua história com fatos políticos, sociais e culturais daquele tempo, evocados amiúde no texto, mas nem sempre do conhecimento

dos moradores dessa cidadezinha.

Nos grandes centros, jovens como Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Glauber Rocha já viviam as tensões da situação política do país que culminou no golpe de 1964. Em meio à repressão, se articulavam em movimentos de transformação cultural na música e no cinema. O movimento Tropicália nascia e imprimia um tom de ousadia à música brasileira, numa mistura de ritmos que mesclava as músicas de protestos da MPB com os iê-iê-iê pop de Roberto Carlos. Ao mesmo tempo, o movimento estudantil, por meio da UNE, promovia debates acalorados em torno de uma proposta de reforma universitária que reivindicava, entre outras demandas, a democratização do ensino e a participação discente em órgãos deliberativos.

No entanto, os jovens contemporâneos da pequena “Vila das Formigas”, já emancipada havia quase um século, somente questionavam sobre a possibilidade de ampliação da oferta de cursos superiores, posto que ali havia apenas uma unidade de ensino superior, instalada em 1962, que oferecia os cursos de pedagogia, letras, história e geografia com o objetivo inicial de atender a uma demanda local por formação de professores para o ensino secundário. Esses primeiros cursos, que logo iriam constituir a FAFIL – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foram implantados por iniciativa de um grupo de jovens professoras formadas na Universidade de Minas Gerais. Em vista disso, as oportunidades de formação profissional eram muito limitadas naquela época e os cursos por correspondência, primórdios do que hoje conhecemos como modalidade de Educação à Distância (EaD), eram uma boa alternativa para quem sentia vocação para outras áreas.



As opções culturais e de entretenimento também não eram diversas. Na falta de escolhas, restava-lhes sonhar, “inocentemente felizes,” com as cenas hilárias e romanescas das telas dos cinemas, nos fins de semana; ou se embalar ao som dos Beatles e da Jovem Guarda, nas noites de “horas dançantes”, imaginando apenas, por vezes, o que estava para além daqueles Montes Claros e das telas de TV desprovidas de imagens.

Em meio a esse cenário, movido por curiosidades distintas da grande maioria, dando asas à sua imaginação e ouvido ao seu coração, nosso narrador-protagonista iniciou sua epopeia de dar vida àquelas telas em branco que, irônica e literalmente, escondiam os bastidores de uma ditadura que censurava a música, o cinema, a imprensa e, claro, a TV.

Apoiado por aqueles que acreditavam em sonhos e num progresso que havia de vir, não só pelos trilhos da Central do Brasil, mas pela coragem e espíritos inovadores, como o pioneiro prefeito Antônio Lafetá Rebelo, que nas suas duas gestões teimou em encontrar uma boa imagem; e o prefeito Pedro Santos, que o sucedeu no primeiro mandato, abraçando a causa ou “a caça à imagem”, nosso protagonista reúne uma equipe e lidera a construção de um link de retransmissão na rota Gouveia-Buenópolis-Montes Claros, depois de muitas desventuras pelas serras do Espinhaço e do Cabral.

Estes caminhos, desde a idealização até a concretização do projeto e depois em sua difícil manutenção, foram percorridos, por ele e seus companheiros de equipe, inúmeras vezes, a pé ou em mulas, como fizeram seus antepassados tropeiros e garimpeiros, naquela região. Dias e dias longe do convívio familiar, isolados na imensidão das montanhas. Assim,

as paisagens de pedras e abismos guardavam histórias, aventuras, riscos e perigos revelados com riqueza de detalhes nessa narrativa capaz de transportar o leitor para os cenários descritos, ainda que por alguns breves momentos.

A história da TV em Montes Claros é narrada liricamente desde seu início na década de 1960, passando pela popularização das TV's em cores, já nos anos 1980, e pela instalação de uma geradora de TV na cidade, até a chegada dos sinais digitais nos anos 1990. Nesse longo recorte temporal a narrativa aponta, com considerável sutileza, diversas transformações socioculturais que impactaram a cidade.

Para além de ser uma obra literária, o livro oferece aos leitores a oportunidade de análise e reflexão sobre o ritmo de desenvolvimento de uma pequena cidade, isolada no interior de um Brasil que fervilhava em agitações políticas e revoluções culturais e sociais, nos longínquos anos 1960; mas que assistiu “ao vivo e em cores” a retomada da democracia em 1985, ainda que esta tenha vindo por meio de eleições indiretas.

Os acontecimentos passados, retratados nas evidências dos fatos históricos, dos costumes geraizeiros, da linguagem sertaneja, do folclore regional e dos comportamentos da sociedade monstes-clarense do período é, sem dúvida, uma fonte de pesquisa carregada de ilustrações, que registram um determinado período histórico e atestam que, a partir da edição desta obra, a imagem nunca mais sairá do ar.

Christine Veloso Barbosa Araújo

DEDICO ESTE LIVRO:

À minha esposa, Maria Lúcia Veloso Barbosa, que ficou em casa cuidando dos nossos filhos enquanto eu percorria íngremes trilhas no dorso das nossas montanhas, na árdua tarefa de manter a captação de TV em nossa cidade.

Ao meu companheiro Antônio Lafeta Rebello (Toninho), amigo e grande caçador de imagens de televisão; ainda sinto a sua presença quando ascendo aos cumes dos nossos montes e ouço sua pertinente pergunta moldada por um discreto sentido figurado: *Como está a sua imagem?*

A todos os operários que cuidaram das estações repetidoras isoladas nos cumes das serras, na mais profunda solidão, tantas vezes ilhados sob violentos temporais, distantes dos seus familiares e do clamor dos homens na cidade.

## AGRADECIMENTO

Minha gratidão ao grande amigo Jorge Antônio dos Santos; nosso prezado Tone Santos, precursor da construção do primeiro e definitivo *link* pioneiro que proporcionou a captação da TV Globo de Belo Horizonte em nossa região. Obrigado por confiar a mim essa missão.

# Sumário

ANOS, INOCENTES ANOS .....	15
PERSEGUIÇÃO À IMAGEM .....	34
UMA SERRA NA ROTA .....	67
MINHA DOCE NAMORADA .....	84
UM GRANDE PIONEIRO.....	101
FATOS INUSITADOS .....	107
O DESAFIO DAS CORES .....	118
UM BREVE E SILENCIOSO ADEUS.....	124
SOBRE O AUTOR .....	128